

# APOSTA EM MUDANÇA NO CÂMBIO

**S**ão Paulo e Rio — Analistas do mercado continuam a apostar que o governo não terá outra saída a não ser a centralização do câmbio, embora essa hipótese venha sendo descartada com veemência pelos integrantes da equipe econômica. Alexandre Mendes, operador de mercado internacional e administrador de recursos do Banco Patente, acredita

que este será o caminho escolhido pelo Brasil e sua análise foi citada pela rede de TV CNN, na semana passada, em programa sobre a crise brasileira.

Mendes viu na unificação dos câmbios comercial e flutuante um sinal de que o país caminha para a centralização. Embora não seja defensor desse modelo, acredita que diante dessa crise e da

sangria de dólares a centralização cambial seria positiva. "Acabaria com as expectativas do mercado e o governo teria controle do fluxo de saídas de dólares", afirma o analista.

Para Mendes, o governo está numa sinuca. Não sabe para que lado correr. "As medidas foram tomadas com atraso e não têm a intensidade necessária para melhorar a

credibilidade do país no exterior, permitir a retomada do crédito no mercado internacional", observa. Mas alerta que a centralização do câmbio assusta o investidor estrangeiro, que fica com medo de aplicar o dinheiro no país por não saber quando poderá sacar. Esse é o principal efeito negativo desse regime, diz o analista.

A crise, entende Mendes, é polí-

tica, com desdobramentos econômicos. Ele atribui a culpa pelo que está ocorrendo ao próprio governo que teve a opção de reduzir o déficit fiscal, mas por causa da reeleição resolveu "empurrar com a barra os problemas", aumentando o déficit fiscal, os juros altos, a inflação baixa e o real sobrevalorizado, enfrentando as pressões do setor exportador.

"Com a reeleição do presidente Fernando Henrique essas pressões foram se agravando e o setor exportador acabou vencendo. Agora, o mercado exportador está sentado em cima de suas mercadorias esperando o dólar se valorizar. A única maneira de retomar o controle da economia é pelo câmbio. Mexer nos juros não vai ter efeito", concluiu.